


**Universidade, memória e cultura letrada:  
potenciais interpretativos da sociabilidade como  
categoria histórico-sociológica**

Apresentação do dossiê

*Universidade, memória e cultura letrada*

**Paulo Henrique Martinez**


Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/000-0001-8662-0371>

E-mail: [ph.martinez@unesp.br](mailto:ph.martinez@unesp.br)

**Conrado Pires de Castro**

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil

 <https://orcid.org/000-0003-3419-5953>

E-mail: [conrado@ufla.br](mailto:conrado@ufla.br)

A história da sociabilidade é, de alguma maneira, a história conjunta da vida cotidiana, intimamente ligada à psicologia coletiva. Torna-se então necessário contemplar uma tal amplitude e variedade de aspectos que resulta desalentadora, incorrendo-se no risco de acumular uma série de observações à primeira vista pouco esclarecedoras por não serem prontamente comparáveis. Sem dúvida, seria melhor e mais útil, apesar do caráter inicialmente restritivo e parcial do projeto, identificar instituições ou formas de sociabilidade específicas e estudá-las concretamente. O resultado poderia ser menos modesto do que parece. (AGULHON, 2009, p. 38)

1

Este dossiê reúne estudos, questionamentos e análises sobre a empiria recuperada – documentação textual e oral, acervos, memória coletiva, linguagens, biografias, histórias de vida, observação direta – e os procedimentos metodológicos de investigação e de interpretação mobilizados pela sociabilidade enquanto categoria do pensamento histórico-sociológico.

A criação de universidades no Brasil, a partir da década de 1930, proporcionou a disseminação de diferentes modos de pensar em nossa cultura letrada. Novos conhecimentos sobre a história, a terra e a gente foram sistematicamente construídos sob a inspiração e a orientação teórica, metodológica e empírica das artes, ciências sociais e humanidades. A recusa de estereótipos, de juízos de valor e de criações artísticas e literárias sobre a formação social e a

população, secularmente idealizados e estabelecidos pelas oligarquias regionais, a partir de concepções católicas, etnocêntricas, cientificistas, racistas e violentas, foi traço distintivo daquelas investigações e interpretações, notadamente da sociologia, etnologia, antropologia e da história.

Na obra de Florestan Fernandes, uma das mais emblemáticas desse processo social e cultural, por exemplo, parte significativa distingue-se pelo exame de formas e de funções históricas identificadas em comunidades urbanas e rurais, entre grupos étnicos, sociais e etários, com a intenção consciente e deliberada de “compreender o povo em sua diversidade”. Semelhante compreensão despontava como passo fundamental para a efetiva integração dessa diversidade ao processo de renovação e democratização da cultura letrada no Brasil. (FERNANDES, 1978, p. 133)

Em qualquer experiência coletiva, a vida cotidiana se encontra *no “centro” de todo acontecer histórico* (HELLER, 1985, p. 20). Se a realidade cotidiana tende muitas vezes a monumentalizar certos acontecimentos, vultos e circunstâncias, dela também participam movimentos contrários, senão mesmo contraditórios, de banalização de tantas outras situações, personalidades e eventos. As malhas do acontecer histórico são entretecidas na confluência de distintos *níveis de realidades e esferas de existência* (NOVAIS; FORASTIERI, 2011, p. 7-70).

As esferas de existência expressam os diferentes ângulos de observação das dimensões objetivas e subjetivas da vida material e da vida imaterial, flagradas nos hábitos, saberes, gestos, gostos, práticas e sensibilidades cotidianas que conformam o imaginário social. Já os níveis de realidade correspondem ao que a moderna historiografia costuma designar por duração, abarcando a definição e a delimitação das temporalidades apropriadas das *estruturas*, assentadas no plano da *longa duração*; das *conjunturas*, situadas na *média duração*, e dos *acontecimentos* relativos ao imediato da *curta duração*.

A vida cotidiana admite um complexo de práticas, experiências e operações mais ou menos comuns aos que vivem a história bem como aos que vivem da história como domínio de conhecimento. Se todas as esferas de existência – a vida econômica, social, política, cultural, religiosa, etc. – pressupõem os vários níveis de realidade, compete à ordem do discurso encontrar os meios adequados para expressar o enquadramento conceitual dos fenômenos históricos e das novas abordagens exigidas para a compreensão de suas temáticas globais.

Em outras palavras, conceber os esquemas de análise à altura da complexidade do real a ser compreendido, de forma a que sejam capazes de articular descritiva e narrativamente a reconstituição de todas as esferas de existência, em seus diferentes níveis de realidade, sem que se perca a inteligibilidade das múltiplas atividades humanas e dos processos históricos que as conformam (NOVAIS, 1997, p. 8-9). É justamente na condensação de todas essas esferas da existência no plano dos acontecimentos singulares que reside a recorrente produção de “lugares da memória” nos quais, segundo Pierre Nora, a “realidade propõe e o imaginário dispõe” (NORA, 1995, p. 184)

Tais disposições do imaginário são perpassadas por distintas formas de sociabilidade, cujas dimensões institucionalizadas ou efêmeras conferem lastros às múltiplas codificações da memória social. Sociabilidades que suportam o trânsito do plano dos condicionamentos materiais aos quadros sociais da memória coletiva, para onde confluem a pluralidade dos tempos e experiências dos grupos nos quais se estratificam e se decompõem as sociedades modernas. Cada qual carregando suas expectativas e aspirações, bem como as possibilidades eventuais de correspondência e realização de suas ambições e de seus interesses, que sedimentam a consciência subjetivamente compartilhada pelo pertencimento a um estrato, grupo ou uma classe social. (HALBWACHS, 1990)

Desta perspectiva, a sociabilidade como categoria histórica importa em acentuar as confluências que se estabelecem objetivamente entre os indivíduos – e também entre estes últimos e à realidade à sua volta –, de maneira a conferir sustentação aos modos de sentir, pensar e agir que estruturam as possíveis inteligibilidades dos processos históricos, suas oposições e conflitos específicos e latentes ao longo do tempo.

O desafio proposto por este dossiê refere-se a um conjunto concreto de manifestações de natureza, formas e espaços de sociabilidade que se inscrevem nos âmbitos privados e públicos, alcançando acervos documentais, coleções em geral, bibliotecas pessoais, gabinetes de leitura e redes de bibliotecas públicas, editoras e livrarias, revistas, rodas de capoeira, ambientes domésticos e estabelecimentos comerciais, repartições e órgãos técnicos, escolas, universidades. Enfim, explorar a sociabilidade que se estende na trama das tradições populares e da cultura letrada, adquirindo novas conotações e significados ao circular entre esses diferentes domínios da experiência e do entendimento.

A universidade, dentro do atual cenário de incertezas, pode e deve desempenhar um papel decisivo no fomento das modernas tradições de educação tanto para a cidadania liberal quanto para reivindicações mais amplas e generosas de caráter emancipatório, herdadas da ilustração. Esta tarefa exigirá da universidade não abrir mão das prerrogativas de sua natureza e de suas funções como “agência de produção original de saber e, portanto, como uma das instituições-chaves de autonomização cultural progressiva das nações emergentes”, acolhendo o séquito dos desvalidos e dos condenados da terra. Caso contrário, ela ficará condenada, como vaticinava Florestan Fernandes, a se transformar numa “simples agência de nobilitação do ‘letrado’, do homem notável e sábio que se qualifica como uma sorte de *senhor dos livros*.” (FERNANDES, 1975, p. 247)

## REFERÊNCIAS

- AGULHON, Maurice. *El círculo burgués*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- AGULHON, Maurice. ¿Es la sociabilidad un objeto histórico? In: AGUILHON, M. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016.
- FERNANDES, Florestan. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995, p. 179-193.
- NORA, Pierre. *Pierre Nora en Les lieux de mémoire*. Montivideo: Trilce, 2008.
- NOVAIS, Fernando. Prefácio. In: SOUZA, Laura Mello e. (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NOVAIS, Fernando A. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- NOVAIS, Fernando A; FORASTIERI, Rogério. (org.) *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naif, 2011. v. 1.

**Paulo Henrique Martinez** é Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Livre-Docente em História Ambiental pela UNESP, câmpus de Assis. Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). Doutor e Graduado em História pela USP.

**Conrado Pires de Castro** é Professor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduado em Ciências Econômicas, Mestre em Teoria e História Literária e Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

**Como citar:**

MARTINEZ, Paulo Henrique; CASTRO, Conrado Pires de. Universidade, memória e cultura letrada: potenciais interpretativos da sociabilidade como categoria histórico-sociológica. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 1-5, jul./dez. 2020. Apresentação do dossiê: “Universidade, memória e cultura letrada”. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).